

**Veja**

**21/6/1978**

**BÓIAS-FRIAS**

**Sem destino**

*O roteiro de quem não tem trabalho devido à seca*

Na manhã desta terça-feira, o presidente Ernesto Geisel terá oportunidade de verificar pessoalmente um dos graves problemas gerados pela longa estiagem que atingiu o Paraná. No trajeto de 85 quilômetros entre o aeroporto de Maringá e a cidade de Rolândia, onde recepcionará o príncipe herdeiro do Japão, Akihito, o presidente vai percorrer o tradicional roteiro de fuga de bóias-frias desempregados pelas lavouras abandonadas ou esqueléticas. Na ocasião, o governador Jayme Canet Júnior, em local que não poderia ser mais apropriado, pedirá a Geisel, mais uma vez, a imediata liberação de 450 milhões de cruzeiros do governo federal (já autorizados pelo Conselho Monetário Nacional) para aplicação em frentes de trabalho, de modo a tentar fixar os trabalhadores no interior.

Pelo relatório do governador paranaense, dos 205 000 bóias-frias sem trabalho, pelo menos 150 000 poderiam ser aproveitados em obras municipais, como limpeza de ruas e praças, conservação de estradas e restauração de prédios públicos. Eles ganhariam 50 cruzeiros por dia, algo melhor que os míseros 30 cruzeiros que vinham recebendo nos últimos meses por jornadas de trabalho de dez horas. A cada dia que passa a situação se tornaria mais dramática. “Há milhares de famílias que não têm o que comer, está-se mendigando por comida e muita gente está roubando para sobreviver”, revelou na quinta-feira passada a Pedro Franco, de VEJA, o presidente em exercício da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Paraná (Fetaep), Agostinho Bukowski.

NÚMERO MAIOR — Bukowski lamenta que o problema mais grave — as consequências sociais da seca — tenha sido deixado por último. Primeiro, tratou-se de atender o produtor, diz ele, com prolongamento dos financiamentos e novos créditos. E, pior, pelos cálculos da Fetaep, o número de bóias-frias vivendo absolutamente do nada, atualmente, seria bem superior ao apregoado pelo governo do Estado. Levantamento realizado pela Federação, no ano passado, apontou a existência de 550 000 bóias-frias, a maioria deles no norte. Atualmente, não mais que 10% a 15% deles estariam encontrando ocupação, índice que deve baixar quando terminar a colheita do café. Diante da gravidade dos fatos, em Brasília apenas se informa que o presidente Geisel já teria autorizado o Ministério do Interior a tomar as providências necessárias. No Ministério do Trabalho, um alentado volume de dados e estudos sobre os bóias-frias paranaenses — e outro sobre São Paulo — jaz sem divulgação, simplesmente porque o ministro Arnaldo da Costa Prieto encontra-se em Genebra, na reunião da Organização Internacional do Trabalho (OIT).

CAMINHOS VARIADOS — Como solução de emergência, Bukowski, da Fetaep, vem insistindo na distribuição de medicamentos de urgência através da Central de Medicamentos (Ceme); distribuição de gêneros de primeira necessidade através da Legião Brasileira de Assistência; e de roupas e agasalhos, pelos clubes de serviços. Em relação a trabalho, propriamente, o único alento surgido torna-se um tanto distante. A Cotriguaçu, que reúne cooperativas em 42 municípios do oeste paranaense, vem recomendando a seus associados que, diante do baixo custo atual da mão-de-obra, os agricultores substituam os herbicidas — responsáveis por 25% dos custos nas lavouras de soja — pela capina. Mas isso só será atividade para o final do ano, quando estiverem crescendo as lavouras de soja.

Por enquanto o bóia-fria se move, como pode e para onde der. Os recursos dos sindicatos rurais, segundo Bukowski, da Fetaep, foram exauridos na compra de passagens para famílias inteiras nos trens com destino a Curitiba. Até o final de 1977, chegavam por dia à capital paranaense, em média, dez famílias desses trabalhadores rurais — nos últimos três meses, a média aumentou para trinta. Por outro lado, o "trem dos bóias-frias", de Maringá (PR) a Ourinhos (SP), sai diariamente lotado. À capital paulista, no entanto, o êxodo não chegou. O Centro de Triagem e Encaminhamento, da Secretaria da Promoção Social, indica um decréscimo de 20 781 retirantes registrados entre janeiro e maio de 1977, o número caiu para 14 794 no mesmo período de 1978.

Os que não ficam no interior iriam, então, para Minas Gerais. André Montalvão da Silva, presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Minas Gerais, disse a VEJA, na sexta-feira passada, que todos os caminhões que têm saído do Triângulo Mineiro carregados de gado, para o sul, retornam, invariavelmente, carregados de paranaenses. A maioria deles, porém, acaba tomando o rumo do sul de Minas, para as lavouras de café. Muitos encontram trabalho, mas, como alerta Silva, quando terminar a apanha do café, "estaremos diante de um grave problema social". No fundo, um problema apenas deslocado no espaço.

***(Páginas 98 e 99)***